

QUADRILOGIA

Flores



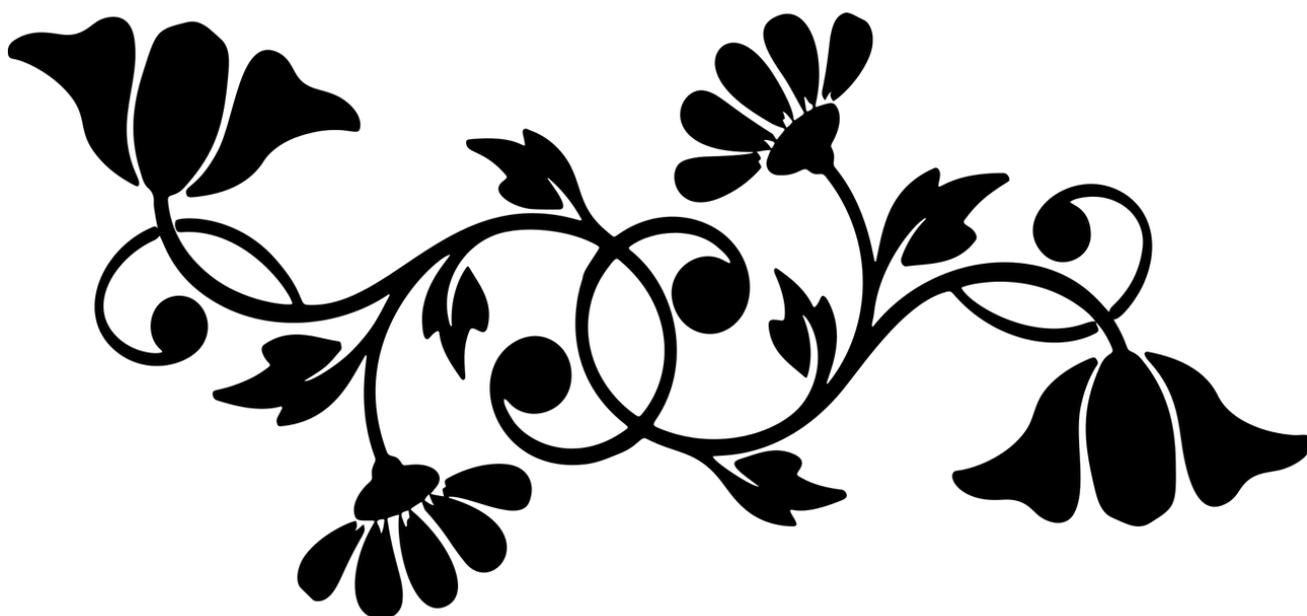
CAMILA ROCHA

SELO

CONEXÃO LITERATURA

QUADRILOGIA FLORES

Camila Rocha



CAMILA ROCHA

AUTORA

Copyright © por Camila Rocha

Projeto editorial por Ademir Pascale

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização da autora

Obra protegida por direitos autorais

ISBN: 978-85-471-0559-4

2022

Sumário

- I — 365, pág. 06**
- II – Cabelo de Anjo, pág. 16**
- III – Flor de Hibisco, pág. 20**
- IV – Rosa do Manguê, pág. 29**
- Sobre a autora, pág. 42**

Capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com



**“Eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo
pedras e plantando flores.”
— Cora Coralina**



Uma gota da vela que queima,
E se juntando as outras
Forma uma letra de rima e métrica.

O cheiro da vela que queima, invade o ar

E o ar, invade o cheiro da vela que queima.

Desenho de luz e sombra, que serpenteia na parede escarlate

De prazer

De dor

De suor

De arfante sonante aos ouvidos meus.

Acende

Flameja

Ilumina! E consome

Enche o vazio de luz... E chama; o meu nome.

Essa é a minha origem; o meu início. Quanto ao nome: Burlesca. Prazer!

Agora que fomos devidamente apresentados, permita-me dizer que o dia na praia hoje está comunicativamente silencioso, posso ouvir os meus pensamentos, caminhar descalça pelas curvas sinuosas de um imenso grão de areia, observá-lo tão de perto, ao ponto de fazer-me uma com ele, e então dizê-lo:

És dentre todos o mais belo, o mais formoso, o mais vivaz, és o cintilar da brancura em mim secreta, o raiar do calor que já acende, e em mim encontra morada.

Ah! Vejo que é chegada a hora de ouvir o canto das águas. Saio à procura do segredo alheio, dos cheiros que só o mar pode revelar pra mim. Vejo uma canoa firme, segura pela corda que a prende em um toco maciço. Observo que ela não tem pressa em sacolejar ao ritmo do vento, que a embala tal como se dissesse:

Tão importante quanto a saída é a chegada, tão importante quanto o ir é o vir, tal como no vai e vem das águas.

Eu contemplo o balanço da existência em minha volta, eu sinto o vento que carrega os meus cabelos. Ouço passos, eles se aproximam, é um homem encarnado de tanto tomar sol, passos firmes em direção a canoa, seus olhos me alcançam, ele percebe que o observo. É dado o toque dos olhares, aquele momento no qual uma única vista é capaz de traduzir sem palavras aquilo que se pensou.

Ele passa por mim abrindo um largo sorriso que se reflete no berloque em meu colo, eu pisco. E ao abrir os olhos, lá esta ele, diante de mim, me fitando, olho no olho, eu palpito, tu palpitas, nós palpitamos. Ele estende a mão e a leva em direção aos meus cabelos, segura-os, e deslizando, traz a manzorra de volta, e dentre os dedos, uma folha de cajueiro verde intenso. Ele diz:

Estava presa em seus cachos.

Eu, agradeço a gentileza, e me apresento.

Meu nome é Burlesca.

Bu... O que ?

Buslesca.

Prazer, meu nome é Ander.

Anderson?

Não, apenas Ander.

Ander. Voce é pescador, sim?

Sou pescador.

Voce sabe que horas são? Preciso almoçar, estou com fome.

Ander olha para o sol, faz uma careta, então responde:

São catorze horas. Se a fome for grande, posso dividir alguns frutos do mar com você. Siga-me!

Resolvo aceitar ao convite. Andamos até a canoa, e a entramos.

O canoeiro desata o nó feito no tronco, em seguida, empunha o remo, e segue em direção norte. Nenhuma palavra é dita; só posso confessar, que a favor do vento senti um cheiro de mar, peixe , mato, terra molhada, e suor, que me apetece.

Não tardou, chegamos a uma choupana, coberta de palha e madeira, janelas aconchegantes que revelavam uma rede a balançar; contudo, não era ali o nosso destino final. Ander demorou, e regressando trouxe farinha de banana verde, e peixe seco. Ao sentar no casco, em alto e bom tom diz para alguém que estava do lado de dentro da casa:

Intê!

A pessoa responde com voz abafada:

Intééé.

Ander rema, e pouco a pouco, aquela palafita fica distante, até não mais ser avistada. Ele então, para, aproxima-se de mim tal como se fosse retirar do meu cabelo mais uma folha de cajueiro. Mas não dessa vez.

O pescador cheira-me o colo, e digo que a recíproca é verdadeira, também o cheirei; ao fazê-lo, fechei os olhos. Penso que ele deve ter feito o mesmo; me transportei para outro tempo-espaco naquele instante. Abro os olhos, e o que vejo em minha frente, são dois lábios carnudos e úmidos chamando-me pelo nome em grave contrabaixo:

Burlesca.

Ora... A minha reação foi não outra, senão, ir ao encontro de quem me chamava. O beijei, mais que isso, fui beijada. Duas bocas se encontrando num sabor único, ao mesmo tempo cítrico, e ao mesmo tempo ferroso, viscoso, quente, e inundante.

Sinto mais do que o vento a soprar agora, sinto o ritmo de nossa respiração. Ele cessa, para olhar o meu rosto, passa as mãos calosas sobre ele, e continua caminho, em direção ao meu busto. Aí chegando, desata-me as amarras do vestido translúcido, em seguida, o biquíni... E mais uma vez pára, para me olhar. Bastou mais um encontro de olhares, e nada mais seria dito.

Ele passou seu ósculo quente, em cada fração do meu corpo delgado, então chegou aos meus ouvidos, confessando todo o silêncio que ali havia, com sussurros de “morfina”. Eu fechei os olhos, não precisava ver mais nada, apenas sentir.

Senti as suas mãos caminhando por entre as minhas pernas, e num suave movimento, abriu-me, para dar-me prazer.

Hum. É só o que posso dizer por agora.

Dalí alguns instantes, sinto algo candente me vindo das entranhas. Mal posso me conter.

Ele respira sobre mim, seu cheiro me entorpece. Ele mais uma vez abre minhas pernas, e entra, solitário, e gentilmente; daí em diante, nossos corpos iam e vinham. A canoa dançava conforme o ritmo da música, assim como o vento, a luz, e o mar.

O tempo, nobre contribuição dos babilônios, encarrega-se de dividir tal momento em 8760 horas de intenso, ir, e vir.

Ao eco do Bem – te – vi, somos conduzidos a um lugar jamais explorado – o centro de mim mesma – profunda camada de *apprettiare vita*, oculta sob os olhos, ouvidos, e *manos pardais*, atentas para o voo rumo a um lugar, onde haja espaço para ficar, e não tenha hora para partir, em total *fugere tempus*.

Bem-te-vi, gorjeava a ave, bem-te-vi.

Eu desperto daquele sonho-realidade, depois de deixar um monte de vozes escaparem de meu peito flamejante como o romper do dia que vem vindo. Depois disso, olho em minha volta, e vejo que nada acabou com o passar do tempo, que passando, se vai.

Resolvemos beijar a mão um do outro, em sinal de equidade, em seguida, saciamos outra fome que nos acometia – a fome da carne – Comemos o peixe seco e a farinha de banana. Hum! Estava delicioso. A sede não tardou em chegar, não titubeamos em levar as mãos até a água da cuia ali presente, e tomá-la tal como fazem os índios. Ela entrava na boca sedenta, e lentamente, escorria por entre e o pescoço, e avante.

Aquele era o convite pelo qual ansiávamos para entrar no mar. Entramos. Mergulho profundamente na limpidez daquela imensidão, que doravante, lavava gentilmente o meu corpo feminino, escorregando por entre os meus cabelos ondulados e cintilantes sob seu espelho, que me reflete assim, tão Vênus, tão sol, tão fértil.

Emergimos; ofuscantemente molhados. Então, entramos na canoa, cobrindo a nossa nudez com as roupas. Ao remar de volta para a praia, o canto da cigarra nos sonoriza para muito além dali, relaxando-nos, e fazendo-nos um com aquele encanto de lugar.

Chegamos ao ponto de onde partimos. O toco maciço, que firme, agora, segura a canoa em si.

Descemos do casco, e deixando-nos embalar pelo vento, nos despedimos, tal como nos encontramos: Com um olhar.

Vou para casa - Meu refúgio de todas as horas – Sento-me na rede, observo na agenda que está sobre a mesa ao meu lado que é segunda-feira, e eu tenho um compromisso marcado de ir à capital para assistir à peça “Canto das Animálias”.

Troco as roupas, arrumo os cabelos, borrifo um perfume conhecido como *Figo Femina*, sigo em direção à porta, e rumo à capital vou.

Lá chegando, logo percebo que o silêncio de mim se distancia, já não ouço os gorjeios, e menos ainda, o uivo dos ventos. Lá, também avisto a minha segunda casa, tão nítida quanto um grão de areia. Entro, e ao observar o calendário que diante de mim estava, leio nele as seguintes palavras:

As mãos que se despedem são as mesmas que convidam, e uma vez fico, já não saio o mesmo que entrou.

Reflico de imediato, que a arte do encontro é tão importante quanto à arte de viver.

Suspiro, buscando um pouco do ar no recôndito do mar em mim, encontro mais do que isso, encontro sono, daí adormeço espalhada na cama.

Em sono profundo, defronto-me com um flash disparado por uma câmera Polaroid®, em seguida, surge uma imagem diante dos meus olhos, são mil ares de uma pinta saltitante na face rubra de uma cigana que emana misticismo. No profundo do seu olhar, refletido na janela da alma, avisto uma chave: O objeto dual, que é capaz de ao mesmo tempo fechar, e abrir.

Desperto deste sonho, com um odor de café a cem por cento, que entrando em minhas narinas me conduz até a cozinha. É Rosa, que hábil como só ela, sabe como ninguém convidar as pessoas para a arte do encontro. Pois bem, aqui estou, ao teu dispor, querido café.

Bebo-o escuro e cálido, uma explosão de sabores em minha boca de hálito doce.

Comento com Rosa:

Como você é sábia, sempre atenta ao momento certo de mostrar às visitas que são sempre bem vindas.

Rosa responde com um sorriso. E ele por si só, basta.

Dou-lhe um beijo na frente, e digo precisar me arrumar para o espetáculo de logo mais. Sigo para o quarto, lavo o rosto com água aromatizada, e deixo que a brisa me seque a face úmida. Saindo do banheiro, tudo o que avisto é, senão, um simples vestido branco que contorna o meu corpo sílfide, acompanhado de um quartzo-rosa, que está pendurado em meu pescoço e adorna-me.

Sigo para o teatro, e resolvo ir caminhando.

Lá chegando, luz e sombra é o que não falta. No teto, um lustre, e nele, infinitos tons de matizes e cores em luminosidade e saturação de um reluzir que ao mesmo tempo encanta e fascina esta face repleta de tantas outras faces contidas numa só.

Ainda sobre o lustre. Ele movimenta de acordo com o embalo do som local. Gigante adormecido, ninado pelo burburinho neolatino das vozes ali presentes, e do ar, que por ali, também passa.

Aquele momento, é interrompido por um somido que vem do palco, algo como... Um gemido, um sussurro, um tilintar. Acomodo-me na poltrona a minha esquerda, e a da direita permanece vazia. Surge no centro do palco um homem, ele é um pavão, com imponente aparência imperial, e voz maviosa, suave como a de um rouxinol.

Em dado momento de sua performance, ele lança uma pergunta:

Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá. E na tua, o que nela há? (DIAS, Gonçalves, 1944, p.21-2)

De minha parte, a pergunta permanece sem resposta.

Continuo a contemplar o espetáculo... E de repente, sou surpreendida por uma névoa que emerge do chão do palco, e rompendo aquela neblina com um assobio contínuo e desbravador, surgem três mulheres aladas, elas murmuram um vocalize maternal, típico de quem lamenta pela partida de uma metade. Elas dançam ritualisticamente, em volta de um corpo frágil, e pueril.

A mim, o canto delas pareceu transmitir a dor sentida, pelo voo de quem não mais retorna, de quem deixa apenas, boas lembranças.

Após este ato, as luzes então se apagam, e com elas, o espetáculo acaba. Ao girar a minha cabeça em sentido horário, vejo um homem sentado ao meu lado, ocupando aquele espaço outrora vago. Algo nele me soa familiar:

Seria a pinta em seu rosto?

Ele vira em minha direção, e dispara:

És taurina?

Sim, sou. Como o sabes?

É simples minha cara. Pelo adorno que carregas no peito, rosa, de um tom delicado que lhe faz jus, também conhecido como a pedra do amor, a pedra que representa o signo de touro, forte, feminino, bravo, e dócil, como suponho que sejas tu.

Sim, você parece estar certo. Respondo com um cinismo no rosto. Ele então, estende a mão até mim cumprimentando-me, dizendo se chamar Leonardo Petit. Logo concluo que o sobrenome é de origem francesa.

Ele prossegue dizendo que era ele no papel de pavão da peça há pouco encenada. Fico surpresa com a notícia... E não conseguindo me conter, pergunto:

Na minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá. E na tua, o que nela há? (idem)

Ele levanta a cabeça em direção ao lustre, fica calado por alguns instantes, então, abaixa a cabeça, e olhando em meus olhos, responde:

Na minha terra há pessoas que buscam o que não têm, e há pessoas que têm o que buscam, no entanto, olhando-as, não as consegue ver.

Não poderia ter dado resposta melhor. Ele então, me convida para sair. Partimos do teatro, e caminhamos pelo derredor. Daí chegamos a uma casa que quase não se deixava ver, pois havia uma enorme Samaúma diante dela.

Passamos pelos portões e adentramos. Então, ele faz uma pausa para tomar ar, recostando-se no robusto tronco daquela árvore. Ele faz um gesto com a mão, me chamando para fazer-lhe companhia, sento-me ao seu lado.

Ele olha para o alto, em seguida, em minha direção, e sem demora, ele abre a boca como que para dizer algo, e antes que dela pudesse sair qualquer palavra, eu sinto em seu hálito um aroma viril – é a bebida dos poetas - Foi mais forte do que eu, o beijei, como se daquele cálice, degustasse qualquer traço da “fada verde”. Saliva quente como é próprio do frescor da idade, sabor como igual não há.

Posteriormente, ele acomoda-me confortavelmente sobre o tronco da árvore. Lê que em meus olhos há mais coisas a serem ditas, então me beija, e desliza as suas asas, digo, mãos, sobre o meu corpo, tirando-me o vestido branco.

Leonardo olha com especial atenção para os meus seios, então encaixa sua boca sobre eles com intimidade. Não sei se sou capaz de descrever tal experiência com fidedignidade a altura. Bem, ele extrai deles algo que só a ele cabe responder o que é, e que gosto tem. Seja como for, meus mamilos, ficam túrgidos, de pé, e se recusando totalmente a saírem dali.

As mãos de Leonardo são adestradas para desbravar as minhas curvas mais íngremes. Elas descem para logo abaixo da minha cintura, e lá ficam, fazendo-me carícias e afins. Eu então, resolvo retribuir-lhe o cortejo. De antemão, já desejando saber como é dar prazer a alguém, sendo vista de cima. Assim sendo, encosto com paciência, a pontiaguda língua em seus macios e redondos mamilos. Temi por um momento, que pudesse haver uma diminuição da libido, ledô engano – Dar prazer, é também recebê-lo.

A seguir, ele passa pra trás de mim, e de súbito, me segura firme, como se eu fosse escapar. Então, recosta-me em seu peito, e assim, arqueada, rendo-me a ele, debruçada no úmido tronco da árvore, que sacolejando ao uivo do vento, orvalha em nossos rostos... É a chuva, intensificando a vivacidade daquele momento em 365 graus de excitação profunda e cálida.

Leonardo me pega pelos cabelos, apenas pega, então solta, em seguida, coloca a mão em meu pescoço, me prende a respiração, e depois, deixa-a passar. Diante do exposto, posso dizer que a dor e o prazer andam de mãos dadas, e nada mais a acrescentar.

Confesso que estou completamente molhada... E tudo que agora sai de mim, diz algo em som aberto.

Agora, tão somente, agora, posso dizer que sei o que é o canto das animálias. Terminamos assim, eu abraçada por ele, bela e adormecida, sob a copa da árvore, banhada, embalada, e por fim, posta para sonhar, posto que é assim que sonhamos – sonhando.

Acordo já deitada numa cama cuja roupa é branca. A única coisa que veste o meu corpo é o quartzo-rosa; Leonardo não está lá. Em seu lugar, encontro um papel dentro de um vidro translúcido, retiro-o da garrafa, e leio:

Degusto doce fruto, mel maduro, deste figo astuto todo o sabor que de melhor há em desfrutar da fruta.

P.S.: À propósito, há figos chegando ao seu encontro em... 3,2,1.

Alguém bate na porta, aproximo-me, abro, e ... Verdade! lá estão os figos numa linda taça Bordeaux. Degusto um a um, uma delícia! Em seguida, tomo um banho, visto a roupa, arrumo os cabelos. Ao descer as escadas, um motorista me aguarda, acompanho-o, entro no carro, e ensino-lhe o caminho de casa.

Lá chegando, sento-me na janela, cuja vista dá para a rua movimentada, e mediante aquela cena, contemplo a minha natureza efêmera. E sem tardar, aquele momento é interrompido com mais um aroma vindo da cozinha de Rosa.

Chegando lá, eis que o licor de abacaxi me aguardava. Ao ver Rosa, digo:

Oi minha linda! Vais me pegar pelo estômago novamente?

Pelo estômago não sei, mas pelo aroma, de certo que já peguei – Respondeu ela com um sorriso.

Na presença de Rosa, as horas passam e eu não as percebo... Já é noite, sinto falta de algo em mim, vou para o quarto. Lá chegando, recordo das pegadas que deixei na areia da praia, do caminho que percorri para chegar até aqui. Cerro os olhos, neste momento houve falta de energia na cidade, e fico no escuro.

Em momentos como este, todos os sons mudos são audíveis. Não demoro em ficar sonolenta, daí escuto um sussurro que misturado com o *tiquetaquear* do relógio formam uma voz. Não consigo entender o que ela diz, mas, seja o que for, a resposta é sim.

De repente, vejo a cigana de outrora. Ela dança, gira, e numa dessas voltas envolve-me em suas vestes esvoaçantes, e eis que já não sei mais onde estou, tudo é muito escuro, apenas sinto o passar dos dedos pelos meus braços, que descendo chegam até o umbigo.

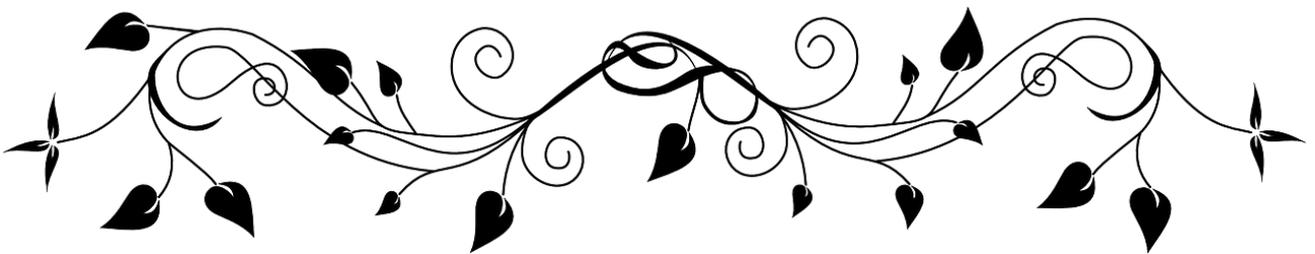
Sem demora, percebo o aquecer deste pequeno botão no centro de mim. Na sequência, um hálito quente sopra em meus ouvidos e movimenta meus cabelos. Sinto calafrios acompanhados do medo em mim. Temo pelo que não conheço, todavia, a curiosidade não me permite partir.

Fico, e confesso que não poderia ter tomado melhor decisão. Naquele instante, algo úmido e saliente desliza em meus pequenos lábios. E não resistindo, abri a porta para que pudesse entrar. Entrou em grande estilo, estimulando cada músculo ali quieto, despertando cada um deles com leveza, viscosidade, e doçura.

Nossa! Eu cantei muito ao longo daquela noite, no semitom em menor distância entre o mim, e o mim mesma. Só fui calada por um leve beijo, que trazia nos lábios um sabor molhado, cálido, e levemente, salgado. Beijo bom, bom beijo, cheio de água na boca.

Abro os olhos, vejo velas iluminando o meu quarto, e com elas um bálsamo confuso, um misto de baunilha, com almíscar. Alguém estivera ali, eu não sei quem, sei que parte deixando boas recordações.

Deito-me novamente, e tão bela, quanto adormecida, estou pronta para aprofundar 365 noites de segredos a mais para desvendar. Tão burlesca quanto um sonho, tão vivaz quanto uma chama que se acende.





II
Cabelo
de Anjo

Era dia de domingo, quando ela resolveu olhar para a foto que estava em cima da cômoda com outros olhos. Viu mais do costumava ver ao olhar para a dita fotografia, viu as curvas traçadas pela terra morena, o horizonte a perder de vista, o sacolejar das folhas ao vento, viu seu próprio rosto, viu além, viu seu olhar, seu sorriso, invejável sorriso, de quem vivia lado – a – lado com a felicidade por algum tempo.

Sentiu saudades, não sabia dizer do quê. Arregalou os olhos sedentos... E foi em busca de algo há tempos perdido. Em passos largos, ela ia ao encontro da foto, e do que mais se perdeu naquele espaço-tempo. Naquele exato momento em que o obturador da câmera estampava, traduzia, e mais, revelava ao mundo, o sorriso mais sorridente que eu já vi.

Dali a alguns minutos... Lá estava ela, na hora certa, no lugar certo, e ... Mais uma vez, o tempo parou. Parou para Madrigal contemplar a estação. O assovio do vento que a invadia, também a trazia de volta o renovo da sua efêmera existência. Seus olhos se abriam para os seres viventes, tal qual o firmamento: Convidativos, serenos e aconchegantes.

E diante dela, algo, ou seria alguém? Parou em sua frente, parecia que ia lhe perguntar algo, talvez as horas, quem sabe? Apenas parou, olhou, e olhou mais ainda. Lhe lançara um olhar de procura e encontrara um olhar de resposta. Nenhuma palavra foi dita, apenas os silêncios falavam tudo o que havia para ser ouvido.

Madrigal procurou, e encontrou naquele olhar o que buscava. Naquele dia, ela voltou para casa ao pôr do sol. Chegando lá, ela sentiu que não estava mais só. Mais tarde, ao deitar-se, olhou para o livro sobre a cama, abriu-o em uma página aleatória, e nela continham as seguintes palavras: “Nada permanece oculto sob o sol”.

Madrigal pensou acerca do que havia lido, em seguida, ajeitou a sua cabeça de modo confortável sobre o travesseiro, e dormiu.

Ao atingir o sono profundo, sonhou que das suas mãos emanavam luzes de brilho intenso, tal como o sol, de modo a iluminar tudo a sua volta, tornando-a clara como o dia, quente como as manhãs de verão, próspera como o ano novo que se aproxima, e vivaz como raiz que brota da terra sob a calidez da sua própria existência.

Sonho demorado foi aquele, daquela noite de maio, daquele dia que não teve anoitecer... Demorou, mas Madrigal despertou não se sentindo mais a mesma, digo mais, não se sentindo única. Havia nela um grande desejo a ser saciado: Esvaziar-se, para então encher-se novamente, em movimento constante. Enquanto ela escutava o barulho do

moinho de vento que a aconchegava no quintal de sua casa, ao som das águas, ela refletia que na vida há tempo para tudo.

E como todo o tempo que se preza, não havendo atrasos, com Madrigal não seria diferente. Passado alguns meses, daquele dia que não teve anoitecer, Madrigal sentiu um forte desejo de comer cabelo de anjo e, simultaneamente, ouviu um barulho estranho na casa. Parecia choro de criança, entretanto, ela ignorou o ocorrido, dando lugar a possibilidade de ter sido o moinho ao toque do vento.

Tratando de saciar o seu desejo, ela foi até a cozinha, pegou os ovos, ferveu a água na panela, e logo, logo estaria comendo a tão ansiada guloseima.

Daquele dia em diante, o tempo passou, tal qual, o correr das horas que passam. O verão chegou logo, e com ele todas as mudanças que o tempo trouxera ao corpo, e a vida de Madrigal: Seios fartos, ventre pontudo, pele aveludada. E mais uma vez seu sorriso, como igual eu nunca vi, digno de inveja, isso mesmo, inveja.

Digo que o sol traz consigo a vida, a vida traz consigo a morte, e ambas andam lado a lado. O sol daquele verão, trouxe a vida a Madrigal, e ela deu à luz aos cachos mais dourados que já vi: Se chamará Anjo, em homenagem aos cachos, assim como os cabelos dos anjos, declarou Madrigal.

Ao deparar-se com a felicidade em carne e osso, Madrigal aproxima-se de seu ouvido, e diz:

“O tempo, Senhor das idas e vindas, chega sem demora, e faz do agora a hora certa de colher o que se plantou”.

Eu bem que disse: ela sentiu que não estava mais só. As mães têm dessas coisas, sentem, sentem tanto, que buscam companhia para além de si próprias. Madrigal deu à luz a um Anjo, chamado Anjo, que igualmente à mãe, cresceu ao som do vento.

Madrigal gostava de passear com o presente que Deus lhe deu. E os olhares, os olhares eram todos voltados para o Anjo, sua luz, sua tez, sua presença celestial. Todos se sentiam bem na presença de Anjo, ele tinha o dom da palavra. Uma vez, ele disse para as crianças que brincavam no jardim com ele:

Que verdade o surdo poderia querer ouvir, e o cego desejaria ver?

Respondo- A verdade sustentada sob o calor do sol. Não se vê, não se ouve, apenas a sente, e ali permanece, sob a luz revelada.

No entanto, o tempo como eu disse outrora era pontual, e não tardou em chegar para Anjo. Ele cresceu, tornou-se um adulto cercado de pessoas. Pessoas de todos os tipos. Contudo, Anjo não era todo o tipo de pessoa. O Anjo era um servidor, e um mensageiro, portador do silêncio que fala e da história que conta.

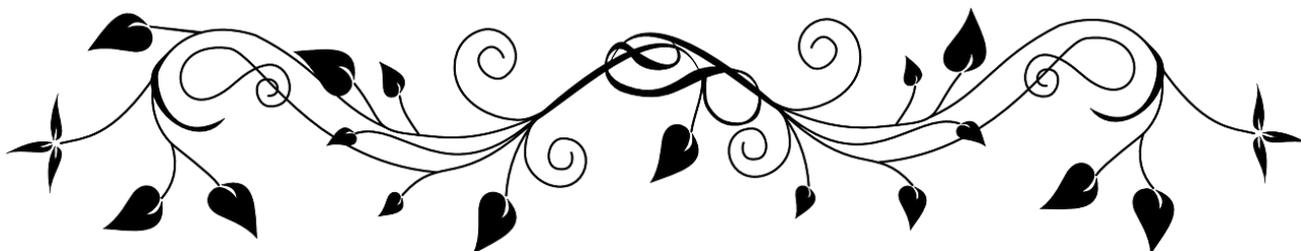
Anjo faz jus ao nome que Madrigal o deu, pois ele é o meio entre cromossomo x e o y, não estando nem mais para um lado, ou para o outro. A essa altura da estória, não trato de defini-lo, trato apenas de pintá-lo, tal qual, um artista traça a sua obra.

Ele é visto pela sociedade como “afeminado”, contudo, penso que não é rotulando Anjo com estereótipos pré-concebidos que poderemos com ele aprender e ensinar, posto que a vida é senão, uma escola onde todos aprendemos e ali convivemos com nossas diferenças e similaridades.

Neste ponto, me emociono e me solidarizo com os mais diversos Anjos que por nossa vida já passaram, e que nesse exato momento, podem estar ao nosso lado. Anjos, cuja maioria, a paternidade é desconhecida, mas nos corações de suas bravas mães, sempre haverá espaço para pensar e repensar a jornada vivida.

Isto dito, peço que sejamos nós, esse todo em universo vivo, os anjos uns dos outros: Onipresentes, protetores e perseverantes no combate a ignorância que nos é dotada ao nascermos.

Sejamos luz na caminhada deste Anjo, e de tantos outros que na jornada da vida surgirem para nos ensinar, que na vida estamos de passagem, e dela somos eternos aprendizes.





III
Flor de
Hibisco

Era tarde de sol intenso no Meio do Mundo. O dia estava quente e úmido. O céu em tons de vermelho terracota, parecia uma pintura lá no alto: Carmesim, laranja e amarelo, tal qual fagulhas vívidas. As irradiações propagadas pelo Astro-Rei ao tocar a pele, quer na sombra, quer não, faziam com que o organismo das pessoas logo liberasse aquele pigmento, para uns, vermelho, para outros castanho: A melanina. A população ficava toda em cores vivas naquela estação. E assim, em grande estilo, o verão da capital amapaense, anunciava a sua chegada.

Naquele meio, que fica no meio do mundo, morava uma mulher conhecida como Osga. Osga esperava um bebê, que logo começava a dar os primeiros indícios de que sua luz seria para o presente dia.

Ela acordou cedo para limpar o bar que tinha o seu nome: Bar da Osga. Colocou as bebidas e petiscos em ordem, em seguida, foi para a cozinha fazer o almoço: Bolinho de carne moída com caldo de beterraba. Amassou o dente de alho, lavou a carne, pilou a pimenta e o cominho, pegou quatro beterrabas, fez os bolinhos de carne, temperou-os, colocou-os no fogo alto com água até o meio da panela. Dali vinte minutos, adicionou as beterrabas já cortadas em cubos, e apreciou as mesmas tonalizarem a água do cozido, até que ele ficasse intensamente vívido.

Osga enjoava o cheiro da comida, contudo, mesmo estando no nono mês de gravidez do primeiro filho, ela já conseguia controlar as ânsias de vômito. Esperando que a comida atingisse o ponto certo do cozimento, Osga sentou-se no sofá para assistir TV. Passados aproximadamente quinze minutos, ela vai à cozinha verificar o almoço. Chegando perto da panela, observou que a refeição já estava pronta, apagou o fogo, pegou uma concha, e começou a servir-se no prato de barro, cor de tangerina.

De volta à sala, ela sentou-se no sofá, e enquanto assistia à TV, almoçava. Estando ela na terceira colherada, a criança em seu ventre deu um chute tão forte que Osga levou alguns minutos para recuperar o fôlego, então disse com ternura:

Sossega, sossega!

Após o almoço, Osga decidiu que já era hora de abrir o bar, ela dirigiu-se para lá, e cinco clientes ali estavam na expectativa do início do expediente. Osga abriu os portões enferrujados do estabelecimento com uma certa dificuldade, e a medida que os portões se abriam, a luz do escaldante dia, gradativamente adentrava o lugar. Mal ela foi para detrás do balcão, os cinco fregueses já estavam à postos fazendo seus pedidos:

Águardente, disse o primeiro.

Gengibirra, disse o segundo.

Cerveja dá boa, disseram os demais.

Com as mesas já servidas, bate-papo rolando, a seresta tocando. Osga sentiu mais um pontapé daqueles em sua barriga, em seguida, uma dor intensa em seu ventre. Sua vista embaçou, ela apoiou-se no balcão, transpirava pelos olhos, pela pele, e por entre as pernas. Ela sentiu que já era a hora de dar à luz ao filho, silenciosamente, deitou-se no chão, lustrado com cera vermelha, abriu as pernas, apertou bem os olhos, e deu o primeiro lance de força em direção as suas entranhas. Ela ruborizou, ao ponto de parecer que iria espocar. Quando abriu os olhos, sentiu que seu filho nascera, e ele chorou, em alto e bom tom.

Era um menino, nascido sob o sol de meio-dia, vermelho e branco como a mãe. Ela o agarrou no colo, levantou-se, e só então, as pessoas que estavam naquele lugar, puderam dar-se conta, de que enquanto elas bebiam, Osga entrara em trabalho de parto e dera à luz. Perguntaram sobre o sexo da criança, Osga respondeu ainda ofegante:

Menino.

Os fregueses então, cerraram os punhos e bateram sobre as mesas, dizendo em sincronia:

Um macho!

Em seguida, continuaram a beber, indiferentes ao ocorrido. Osga apressou-se em tomar banho, limpar o menino, trocar de roupa, e voltar ao trabalho. Feito isso, Osga que retornava ao balcão, com dificuldades para andar, pôs o filho no carrinho de bebê, limpou o sangue do parto com água e rodo. De pronto, sentou-se na cadeira, e continuou a trabalhar. Entre a venda de uma bebida e outra, ela ouvia de longe o choro do filho, e quando o tempo lhe sobrava, dava-lhe de mamar.

Naquele dia, apenas naquele dia, Osga fechara o bar mais cedo, às vinte e duas horas. Chegando em seu quarto, ela pondera sobre que nome dar ao menino. Naquele momento, o silêncio tomou conta daquele cômodo da casa. Ela observava a criança respirando, o emaranhado de veias que percorriam o seu corpo quase transparente, em seguida, levantou o olhar em direção à janela, e avistou uma flor que ganhara num verão qualquer, num passado distante. A flor em questão, estava murcha, no entanto, não perdera a sua beleza.

E olhando de volta para o filho, Osga diz:

Teu nome será Hibisco!

Nos dias que se seguiram, a lida fora a mesma: Cuidar do filho, da casa, e do bar. Olga cultivava amor por aquela criança, que crescia rapidamente, e logo ficara vermelho-fogo, cabelos ruivos, pele alva, branca, clara, quase um alvorecer respingado de pintinhas nas maçãs do rosto, e nos ombros: Eram as sardas.

Todos na redondeza davam atenção especial à Hibisco, pois ele era um pontinho escarlate andando na rua. Seus traços eram finíssimos, e como se isso só não bastasse, ele

sabia cativar as pessoas como ninguém. Manso como um cordeiro, alegre como um Bem-Te-Vi anunciando a chuva.

Hibisco chegara aos quatro anos de idade, e Osga resolveu colocá-lo na escola para estudar. Os primeiros dias não foram nada fáceis, o menino chorava para um lado, e a mãe por dentro, apenas por dentro, chorava para o outro.

Na escola, Hibisco perdia horas observando os desenhos que adornavam as paredes da sala. Sua professora o ensinava a tracejar as primeiras letras, os primeiros contornos para dar formas aos desenhos e as cores com pincéis e tintas.

Com o passar dos dias, após se comportar bem em sala, Hibisco gostava de receber o beijo de recompensa que sua professora dava-lhe na bochecha, seguido de:

Parabéns, seu trabalho está lindo!

As meninas da classe, que gostavam de brincar com o garoto, certo dia, pintaram-lhe o rosto: Batom coral nos lábios, blush rosado nas bochechas, sombra terracota nos olhos, flor vermelha nas madeixas cacheadas, e ... Tchã rã! Lá estava Hibisco, fazendo jus ao nome: Vermelho em flor. E assim, sendo pintado, ele descobriu que também, gostava de se pintar.

Ao buscar o filho na escola, Osga estranhou apenas a flor que adornava a cabeça do garoto. A maquiagem havia sido removida pela professora que receou relatar o ocorrido para a mãe.

Os dias foram passando, Hibisco foi crescendo. E sua beleza? Confesso: Jamais vi igual. Ele chegou aos dezoito anos querido por todos à sua volta, ajudando a mãe nos afazeres domésticos e nas vendas do bar. Ele amadurecia em graça e leveza. Ele entendia que a divisão de tarefas que exercia com sua mãe, era fruto de um trabalho honesto como qualquer outro, e o fazia com muito esmero.

No fim do dia, Hibisco sempre dizia para sua mãe:

Vá descansar branquinha, deixe que eu organizo tudo por aqui.

Ao ouvir isto, Osga dava um sorriso, satisfeita com o modo que vinha criando o seu filho, em seguida, suspirava e dava-lhe um beijo na fronte. Ela aceitava a gentileza que seu filho oferecera, porque seu cansaço pedia que ela logo tomasse banho, e caísse na cama para descansar, porém, não antes de preparar o leite com biscoitos Olho de Boi que Hibisco tanto gostava de comer, ao voltar para casa depois do trabalho.

Terminando tudo o que tinha para ser feito no bar, Hibisco caminhou pela calçada em direção à sua casa. Logo ali ao lado, ao abrir o portão que de velho e gasto rangeu, uma risada estridente chamou a sua atenção, ele virou para olhar de onde veio tamanho timbre. Viu que era de um rapaz, que ao perceber que estava sendo observado, encarou Hibisco. Aquela postura o deixou desconcertado, logo virou de costas, e entrou em casa.

Já na cozinha, avistou que sua mãe deixara em cima da mesa, o leite com biscoitos, estranhou a sua ausência, contudo, logo concluiu que ela ficara cansada demais para esperá-lo. Comeu seu lanche, leu um pouco de Clarice Lispector, bocejou, levantou-se da mesa, e foi para o quarto. Entrou de mansinho para não despertar a mãe, beijou-lhe a testa, embrulhou-a. Pois já estava descoberta, então, ajeitou-se ao seu lado, e também dormiu.

Durante o sono, ele sonhou que era a água de um rio em movimento, límpida, reluzente, passagem da vida, ora calma, ora agitada, reflexo da natureza à sua volta, líquido que se deixava transluzir pelos fios dourados da luz solar, que iluminava a sua existência lá do alto do céu, na qual ao dar passagem ao peixe que por ela nadava, suas lindas escamas, sob o sol, simplesmente, cintilavam.

Hibisco despertou daquele sonho com o canto do Bem-Te-Vi ao pé da janela. O cheiro do café que Osga preparava, já invadia o seu olfato, e espreguiçando-se, ele levantou da cama, foi em direção à cozinha, e deu um abraço apertado na mãe. Disse-lhe bom dia, e sentou-se à mesa para tomar café.

Durante aquele desjejum, ele levava a xícara até a boca de uma forma muito sutil. Sua mãe em silêncio, o observava atentamente. Vendo que a mãe o encarava, Hibisco, então, olhou para a ela, abriu-lhe um sorriso, levantou da mesa, recolheu as louças do café, lavou-as, e então, perguntou:

Mãe, você faria algo por mim?

Osga respondeu com firmeza:

Sim, claro que sim.

Hibisco continuou:

Enquanto eu estiver limpando o bar hoje pela manhã, a senhora lê em voz alta pra mim o livro de Saint Exupéry, que eu ganhei quando criança da minha professora da Educação Infantil?

Osga disse com doçura:

Leio meu Hibisco, leio sim.

E assim o foi, enquanto Hibisco limpava o bar, Osga lia a obra mais famosa do referido autor. Aquela foi uma manhã de profundo aprendizado para os dois. Bastava ler, ouvir, e é claro, praticar. Fácil de falar, porém, não tão simples de fazer.

Durante a leitura, o tempo rápido passou, e com o avançar da hora, o bar foi aberto. Os primeiros clientes foram chegando. Um deles chamou a atenção de Hibisco. Ele se chamava Jacinto, e era o rapaz de sorriso estridente da noite anterior. Ele aproximou-se do balcão, e dirigiu-se à Hibisco fazendo o seguinte pedido:

Vinho tinto suave com anis, por favor!

Hibisco perguntou com estranheza:

Com anis?

Jacinto respondeu:

Sim, anis. Logo mais eu te explico a razão do porquê.

Diante dele, Hibisco ruborizou de leve. Para servi-lo, pegou a taça que havia na prateleira do bar, lavou-a, enxugou-a, foi até a sua casa, pegou um punhado de anis, os colocou em um recipiente de vidro, retornou ao bar, arrumou tudo em uma bandeja, e em seguida, levou até a mesa de Jacinto.

Enquanto era servido, Jacinto indagou-o:

Você sabe o porquê do anis?

Hibisco respondeu com simplicidade:

Não.

Jacinto imperou:

Sente-se! Eu explico. O anis misturado ao vinho tinto por alguns minutos, ou até mesmo levemente aquecido com ele, provoca um efeito relaxante e ao mesmo tempo afrodisíaco no corpo. O aroma que emana da fusão de ambos, é deveras delicioso... À propósito, não nos conhecemos. Eu me chamo Jacinto, e você?

Hibisco, respondeu ele.

Belo nome, faz jus ao dono, concluiu Jacinto.

Em seguida, Hibisco agradece a explicação, pede licença, e levanta-se em retirada.

Minutos depois, adentrou no bar uma moça que sentou-se na mesma mesa que Jacinto. Era Dália, a garotinha que pintou o rosto de Hibisco na infância. Ela o viu, e reconhecendo-o, abriu um largo sorriso, acenando para ele com a mão. Ela e Jacinto conversavam com bastante intimidade, riam alto e trocavam olhares. Eles não se demoraram ali, saíram do bar, deixando sobre a mesa uma quantia alta em dinheiro e muito acima do valor do que haviam consumido.

Hibisco e sua mãe trabalharam muito naquele dia e foram fechar o bar às quatro da manhã. Eles estavam exaustos. Já no banho, distraído, Hibisco viajou ao barulho da chuva que caía lá fora. O som da água lavava sem pressa a sua natureza encarnada, ao mesmo tempo em que aguçava a sua imaginação que ali se aquecia.

Na tarde do dia seguinte, a pedido da mãe, Hibisco foi à feira comprar frutas. Chegando lá, ele andou sem pressa, olhou atentamente para a variedade de frutas e

legumes que lá havia, e em seguida, degustou um pedaço de caju. Jacinto que também estava lá, o avistou de longe, e resolveu se aproximar.

Escolhendo frutas? Perguntou ele.

Hibisco respondeu que sim.

Jacinto retrucou:

Vejo que é criterioso para escolher. Gosta de frutas agridoce?

Hibisco franze a testa e responde com outra pergunta:

O que é agridoce?

Agridoce é a propriedade das frutas, cujo sabor é ao mesmo tempo, azedo, e doce, explicou Jacinto.

Hibisco sorriu ao final daquela resposta, e parecia ter gostado do que acabara de ouvir.

Jacinto então, o propõe:

Quer provar uma fruta agridoce? Tenho várias delas na geladeira de casa. Moro aqui perto.

Hibisco por um breve momento titubeou com a cabeça, porém, respondeu que sim. Os dois caminharam por duas quadras, e chegaram em uma casa cheia de plantas ornamentais na entrada. Era a casa de Jacinto. Adentrando no lugar, ele pediu a Hibisco que o aguardasse sentado no sofá, enquanto ele pegaria as frutas na cozinha.

Jacinto não demorou, e logo apareceu com duas carambolas, e um cacho de uvas-rubi, numa pequena travessa de vidro. Ele ofereceu o cacho de uvas à Hibisco, que levando a mão até a fruta, retirou uma, e levou-a sem pressa até a boca. Assim que ele terminou de comê-la, Jacinto que atentamente assistia a cena, pegou uma carambola da travessa, e resolveu prová-la.

Ao morder aquela fruta, ele parecia que a degustava pela primeira vez. Jacinto apreciava cada instante daquele momento como se fosse o princípio de todas as coisas. Isso dito, revelo agora que aquela mordida foi vagarosa, quase infundável. Seus lábios umedecidos apertavam-se naquela explosão de sabores d'antes esquecidos. A seiva do fruto esguichava nas mordidas mais vorazes, atingindo de leve, muito de leve, o rosto de Hibisco, que assistia a tudo, boquiaberto.

Os lábios corados de Hibisco fascinavam Jacinto, que ao ver o seu rosto respingado do néctar da fruta, de pronto, pergunta:

Queres provar?

Ele sinalizou com a cabeça que sim, e Jacinto, já pelo desejo dominado, aproximou-se dele, e encostou os seus lábios, nos lábios de Hibisco. Naquele instante,

Hibisco cerrou os olhos, e viveu o momento com a intensidade e a sutileza de quem da fruta degustava pela primeira vez.

Beijaram-se, tocaram-se, amaram-se. Leram nos lábios um do outro o que o silêncio daquele momento deixava escapar. Suas mãos percorriam os seus corpos, num mútuo desbravamento. Natureza virginal sedenta por conhecer um ao outro. Eles cheiravam-se, e o cheiro das frutas misturavam-se com o cheiro das flores, e do mesmo modo, os seus sabores. E os corpos que ali se encontraram, já eram cativos um do outro.

Ao cair da tarde, despediram-se com um beijo nas mãos. Era um sinal de respeito e cumplicidade.

Logo Hibisco chegou em casa, e Osga o recebeu perguntando: “Porque demorou? Fiquei preocupada”.

Perdão mãe, distraí-me provando algumas frutas, e conversando com aquele rapaz que estive no bar ontem, o Jacinto. Respondeu Hibisco.

Ainda naquele dia, Hibisco disse à mãe que precisava sair, sob o pretexto de que queria espiair. Osga concordou, e Hibisco saiu. Ele caminhou em direção ao monumento do Marco Zero do Equador. Lá chegando, ele subiu as escadarias, ficou de pé no topo do obelisco, e observava lá do alto o panorama da Cidade do Meio do Mundo.

Ao cair da noite, Hibisco resolveu voltar para casa. No caminho, ele viu em uma vitrine, um origami em forma de pássaro, em cujas asas estava escrito: “A mente se liberta quando vemos com bons olhos o que acontece à nossa volta”.

Hibisco refletia sobre o que havia acabado de ler, enquanto caminhava de volta para casa. Lá chegando, reparou que o movimento do bar não era grande, e dirigindo-se até a sua mãe, pediu a ela que o dispensasse do expediente naquele dia, ela concordou com a cabeça que sim.

Hibisco foi para o seu quarto, deitou-se na cama, e de lá, observou a flor que lhe dera o nome. Intrigado com aquilo, ele questionou: “O que aquela flor murcha fazia ali depois de tantos anos”?

Não se demorando naquilo, o rapaz seguiu para o banho. Ao terminar, entrou no quarto desenrolou-se da toalha, colocou-se de frente para o espelho, observou o seu corpo, passou as mãos sobre seu rosto, seu cabelo, e seu dorso, como se abraçasse a si próprio. Então, deitou na cama e dormiu, desnudo, e descoberto.

Ao chegar no quarto, Osga estranhou aquela cena, passou a mão suavemente sobre o rosto do filho, e deitou-se ao seu lado para dormir.

Na manhã do dia seguinte, Hibisco faria aniversário. E ao amanhecer, sentou-se à mesa para tomar café com sua mãe. Ele a beija as mãos, e sem demora, rompe o silêncio da ocasião com um olhar tímido que lançou para ela. Osga entendendo o que aquilo

queria dizer, o abraçou, e falou: “Muitas primaveras se passaram, e com cada uma delas, você cresceu e floresceu, tal qual, a flor que lhe deu o nome”.

Ao dizer aquilo, umas poucas lágrimas percorreram o rosto de Osga. Diante dela, o filho a aquece com um caloroso sorriso, e mais uma vez, o silêncio é rompido com alguém batia na porta. Osga enxugando as lágrimas, foi abri-la. Era Jacinto segurando uma rosa nas mãos. Ele pergunta por Hibisco, e Osga o convida para entrar.

Já dentro da casa, Jacinto deu a flor a Osga, e sentou-se no sofá. Então, Osga perguntou à ele com suavidade: “Você tem carinho por meu filho”?

Jacinto respondeu que sim, acenando com a cabeça. Seu olhar era sincero, e diante dele, ela respirou aliviada.

Em seguida, Hibisco chegou segurando a flor murcha que estava ao pé da janela do quarto, e perguntou:

Quem deu essa flor à senhora? Porque ela está aqui até hoje, mesmo sem viço, ao pé da janela em seu quarto?

Osga respondeu com o olhar longe:

Seu pai me deu essa flor há dezenove anos, durante o verão, na mesma noite em que você foi concebido. Desde então, eu nunca mais o vi, e ela permanece comigo até hoje, porque é uma forma de mantê-lo vivo em minhas lembranças.

Todos trocaram olhares naquele momento, em seguida, sorriram acrescentando aquela ocasião, a alegria que lhe era devida, afinal, era aniversário de Hibisco, e era também, dia de comemorar.

Assim sendo, Jacinto os convidou para um piquenique na praça, em frente ao Rio Amazonas, e eles, de pronto, toparam. Saindo de casa, Hibisco e Jacinto caminharam de mãos dadas. O braço de Hibisco, apoiava-se nos ombros da mãe e, sem demoras, eles chegaram na praça. Lá, estenderam uma toalha multicolorida na grama, à sombra de uma árvore frondosa, e enquanto comiam e comemoravam, Osga dizia que no intervalo entre nascer e morrer, não devemos nos esquecer de viver, pois a vida é uma dádiva que deve ser comemorada **TODOS OS DIAS**.





IV
Rosa
do Mangue

Rosa. Menina faceira, filha de Zé Tralhoto, e da finada Coca. Coca, ela teve complicações no parto e morreu alguns dias após dar à luz. Deu a filha esse nome, porque ela queria que sua primogênita, tal como a rosa que lhe dá o nome, fosse capaz de crescer, e florescer em qualquer lugar.

Após o parto, a mãe de Rosa não conseguia amamentar a filha, foi então, que ela teve a ideia de levar a criança até a casa da vizinha que morava ao lado, para fazer com que Rosa fosse alimentada pelo leite materno daquela mulher.

Lá chegando, Coca explica seu problema à vizinha, e pede que ela tente amamentar a filha. A vizinha faz a mesma proposta à Coca, em seguida, as duas começam a aleitar uma, a filha da outra, fazendo daquelas crianças irmãs de leite, tal como são conhecidos os bebês, assim aleitados, do interior do Estado do Amapá.

A noite naquele dia não tardou em chegar, e com ela, a morte da mãe de Rosa, que já se queixava de fortes dores no ventre. Todos se compadeceram do falecimento repentino de Coca, que era muito trabalhadora, e pelejara tanto para ver o seu desejo de ser mãe, realizado.

Depois daquela fatídica noite, alguns anos se passam. Rosa já se tornara moça. Zé Tralhoto, seu pai, casou-se com outra mulher, e foi com ela viver na capital. Assim sendo, Rosa ficou só, aos quatorze anos de idade, para no interior do Furo Da Cidade, em sua casa de palafita, morar.

Era ensolarada manhã de sábado, e Rosa acordara cedo para ir tomar banho num braço do Rio Amazonas, que fica um pouco distante da ilha na qual ela morava. Ela pega a sua barra de sabão de coco, sua cuia, seu vestido de chita branco, sua toalha já gasta, guarda tudo em uma sacola plástica, pega o seu remo, e caminha em direção ao casco. Nele chegando, senta-se, arruma tudo ali dentro, e começa a sua viagem.

Distanciando-se do trapiche, Rosa canta uma canção regional, que diz assim:

Vejo através das águas

Realidades

Comumente vistas

São botos

É a velha matinta.

Nas profundezas de cada um de nós

É o caboclo a pescar, pra ter o que comer.

É Maria a rezar, pra ver neném nascer.

É o cachorro do mato, que irá nos proteger.

É o povo a cantar ilê, aiê, aiê.

Somos filhos desta terra, terra fértil brasileira.

De mãos calejadas ao sol.

E barriga vazia na ceia.

A o término da canção, Rosa chega ao seu destino. Encosta o seu casco na barranceira, desce, passa as mãos sobre os cabelos. Sentada debaixo da copa do açazeiro, Rosa fica com alguns pontinhos luminosos em seu dorso, são os poucos raios solares que se deixam passar por entre as folhas no alto das árvores, e dão luz a densa mata.

Rosa começa a despir-se, revelando pouco a pouco, o seu corpo de menina quase mulher. Corre as mãos pelos ombros, retirando as alças do vestido branco, que tão logo desce lentamente até os seus pés. Em seguida, passo após passo, ela adentra o rio, mergulha sua existência nas águas barrentas do Amazonas, e dele sai, uma cintilância só. Então, pega seu sabão de coco, desliza-o pelo corpo, lava seu rosto, seus cabelos. Estendendo a sua mão até o casco, pega a cuiá, e logo nada para próximo de uma árvore cujas raízes estão imersas. Ela recosta-se nelas, introduz sua cuiá no rio, e derrama a água lentamente sobre a cabeça.

A seguir, Rosa vê alguém se aproximar dela. É Chica, sua vizinha que vem chegando com uma trouxa de roupas pra lavar, e, é claro, muito assunto para pôr em dia.

Fala sumana! Sumana, tu tá sabendo que noite passada o Morcego e a Bena encheram a cara de pinga, dançaram brega a festa toda, e resolveram se estranhar com o Bomba, só porque ele esbarrou nos dois, e eles caíram na pista parecendo dois *soiá*?

Rosa responde:

Sumana eu não tô sabendo disso não; mais que bandalheira essa! O Morcego e a Bena como sempre aprontando.

Sem demora, Rosa levanta do Rio, revelando a sua pele morena. Imediatamente, sacode seus longos cabelos ondulados, e queimados do sol. Com a toalha, enxuga seu corpo, em seguida, pega o seu vestido branco, e o veste.

Chica pergunta:

Vai boiar o que hoje? Lá em casa vai ter *Tamoatá*, come comigo?

Rosa responde:

Como sim Chica, como sim. E mudando de assunto, perguntou:

Chica...Me fale sobre o Bomba. Ele parou de te bater?

Chica pigarreou, esbugalhou os olhos, e disse:

Não minha mana, o Bomba não tem jeito, ele diz que me bate porque me ama, bebe pra esquecer o chifre que levou da ex-mulher, vem para minha casa para tentar esquecer a *maldiçoada*, e... desconta o *cachiblenma* em mim. Quando fica bom da bebedeira, esquece que é corno, daí volta pra ex-mulher, e para os seus sete filhos também.

Rosa respira fundo, e desabafa:

Chica, Chica, tu precisas largar o folgado do Bomba! Ele só te usa.

Dito isto, o silêncio imperou a beira do Rio. Rosa ajuda Chica a lavar as roupas, enquanto isso, esguicham água uma na outra para descontraír o clima pesado da conversa que tiveram. Em seguida, começa a cair uma chuva fina e preguiçosa, então, as duas resolvem partir de volta para a casa de Chica. Lá chegando, Chica começa a coçar a cabeça *Di-cum-força*, Rosa aprecia aquela cena, e logo diz:

Tu estás *muquiada* de piolho *mana* velha. Deixa eu catar essa tua *muleira*?

Chica responde:

Só se for agora!

Elas sentam-se no trapiche, à sombra da casa. Rosa pede que a colega deite a cabeça no seu colo, então, começa a catá-la... As horas vão passando, os piolhos vão acabando, e o tempo de almoçar chega. Chica diz estar *brocada*. Entra na cozinha, pega a panela com o *tamoatá* cozido, coloca-a sobre a lenha, já acesa. As duas pegam seus pratos, servem-se, comem o peixe com pirão de farinha, em seguida, vem o sono, e no assoalho, as duas deitam pra tirar uma merecida *perereca*.

Dalí algumas horas, Chica acorda com enjoo, ela vai correndo para o *giral*, e começa a *baldiar*. O barulho do regurgito desperta Rosa, que sai à procura da colega. Ela avista-a de longe, e apressa os passos para alcança-la.

Rosa pergunta:

O que foi Chica?

Chica responde:

Não foi nada, acho que o peixe estava passado.

Rosa disse:

Não senhora dona Chica! O peixe *tava dos trinquês*. A senhora é que deve tá prenhe do Bomba. Não é isso, não?

Chica diz:

Não é não, deixa disso Rosa!

Rosa ficou com o pé atrás em relação ao que ouvira de sua vizinha, assim sendo, resolveu passar o restante da semana na casa de Chica na intenção de averiguar a situação.

Tomada pelo comichão da curiosidade. Os dias se tornaram meses... E a suspeita de Rosa logo se confirmava. A barriga de Chica crescia sem parar. Era o oitavo filho do Bomba que estava a caminho.

Deste modo, Rosa resolve perguntar:

E agora Chica? Como faremos? O Bomba não dá conta nem dele. Ele é casado, pai de sete crianças, digo, de oito.

Chica responde:

Esse menino já tem pai... É o boto. O menino é filho do boto. Já tenho até a estória. Escute só: Estava anoitecendo. Eu no mato, tentando pegar soiá pra ter o que comer, daí ouvi um barulho estranho vindo da beira do rio. Resolvi me aproximar para ver o que era. Chegando lá vi um bicho. Parecia um baita soiá na água, e rápido me aproximei para pegá-lo. Foi quando senti uma lambada entre as pernas... Já era! O Boto tinha me emprenhado. Perdi o soiá.

É Chica “filho de boto, botinho é”. Vamos torcer para que o menino nasça a cara do pai, digo, do boto. Retrucou Rosa.

Valha-me meu São Benedito de Gurupá! Com certeza, o menino vai ser cara do boto.

O nono mês se aproximava, e com a notícia do filho do boto, Bomba sumiu. Os pés de Chica incharam, estavam deformados, seu rosto estava redondo. Ela vivia tendo desejos: barro do mangue com pó de café, pirão de Dourada com buriti, açaí com palmito, água de coco com pão dormido, e por aí vai.

Não foi fácil aceitar que o Bomba, era uma bomba na vida dela... E assim o tempo foi passando, e o dia do parto com ele chegando. Com o advento das dores, Chica começou a gritar cedo. Foi um parto difícil, pois o menino estava de atravessado em seu ventre. Ao perceber a complicação, Rosa foi pedir ajuda aos vizinhos para colocar a prenhe de ponta-cabeça, enquanto isso, com as mãos em sua barriga, Rosa colocava a criança no lugar. Depois De toda essa peleja, não tardou, e o menino nasceu. A mãe gritava para um lado, o filho gritava para o outro.

Chica segurou o filho nos braços, então Rosa disse:

Tá aí Chica! O filho do boto. Como é que nós vamos sustentá-lo?

O silêncio se encarregou de responder aquela pergunta.

Nas próximas noites, Rosa não conseguiu dormir, pois quando não era o menino chorando de dor porque não estava pegando o peito, era a mãe chorando pela dor de ser mãe, solteira, e não poder fazer nada diante do sofrimento do filho.

Sem demora, e já compadecida daquela situação, Rosa refletiu sobre aquilo. Pensou em uma maneira de ajudar à amiga. Ela decidiu então, que os caranguejos que pegasse doravante no mangue, os venderia para os tripulantes das balsas que costumavam passar por ali, e para os passageiros dos navios que iam com destino à Belém.

No dia seguinte, Rosa não tardou em dar início ao seu plano. Isto posto, andou a passos largos até o seu casco. E dentro do rio, remou até o navio que se aproximava: o Destino. Lá chegando, Rosa deixou o casco seguro em uma corda dependurada, que vinha do interior da embarcação. Ela entrou, e todos a olhavam. Me pergunto até hoje se estavam admirando sua beleza, tão bem traduzida pelo seu olhar *esguelha*, ou se estavam assustados com aquela “invasora”, parcialmente coberta de barro.

Rosa buscou o fôlego em seu peito, e perguntou:

Quem quer caranguejo?

À vista disso, muitos se aproximaram dela, perguntando quanto custava a unidade do caranguejo. Não demorou nada, e ela vendeu tudo. Sem demora, um jovem que a observava, aproximou-se, e perguntou se podia tirar uma foto sua. Ela perguntou o que era aquilo. Ele respondeu-lhe, que uma foto era a imagem dela sobre um pedaço de papel. E diante disto, ela concordou em ser retratada.

Após o seu registro em foto, Rosa sumiu em meio à multidão, pulou em seu casco, desatou o nó que o prendia ao barco, e voltou para a casa de Chica. Chegando lá, ela disse:

Chica, não chora mais minha *mana*, eu trouxe dinheiro para comprar leite e massa para o botinho no Regatão, que por sinal já deve estar passando. E diante da esperança de dias melhores, um esboço de sorriso estampou o rosto de Chica com a notícia. Rosa deu-lhe as costas, e foi para a beira do *trapiche* aguardar a chegada da Regata.

O Regatão de longe vinha sendo anunciado pelos gritos do Pirarara:

Leite, farinha, feijão, biscoito, jabá, pirulito, refrigerante, sandália, “brusa”, caderno, espelho... É o Regatão minha gente. Vamos comprar! vamos comprar! para amanhã não reclamar.

Rosa aproximou-se do barco. Ela disse ao Pirarara que queria massa para mingau, leite, e feijão, em seguida, mostrou-lhe três notas de dez reais. Ora, aquele valor superava o preço das mercadorias que ela havia pedido, porém, Pirarara não sentiu-se à vontade para tirar vantagem daquela situação, haja vista, que ele conhecia Zé Tralhoto, e sabia que Rosa era órfã de mãe, e, praticamente, de pai também.

Rosa recebe o troco das compras que havia feito. Ela volta para casa contente, pois sabia que nos dias vindouros, não haveria fome, não haveria choro, não haveria tristeza.

Algumas semanas se passaram. E ao fim do dia, o leite acabou, a massa acabou e o feijão acabou. Botinho caiu doente. E Rosa e Chica pensavam ser da fome.

Rosa logo foi ao mangue atrás de mais caranguejos para vender, pois a balsa que atravessava os carros para Belém e outros estados se aproximava, e Rosa foi para lá. Sob o sol escaldante, Rosa pôs os pés na plataforma, e começou a pular, pois o chão de aço da mesma queimava como brasas vivas a planta dos seus pés. Os tripulantes da embarcação se aproximaram dela. Eram três homens. O de blusa verde perguntou:

O que é que tu queres aqui *caboca*?

Rosa respondeu:

Quero vender caranguejos, para alimentar meu irmão menor.

O homem perguntou, em seguida:

Quanto custa?

Rosa disse:

O valor da fome do Botinho.

Os homens riram diante daquela resposta inusitada. Um deles meteu a mão no bolso e disse:

Aqui está menina, vinte reais. Isso deve pagar a fome do Botinho. Agora vá embora! aqui não é lugar de criança.

Rosa pegou seu casco, e remou para o Furo da Cidade, aportou no trapiche, mais uma vez, e em seguida, ouviu o Regatão chegar. Comprou o de sempre, e foi ao encontro de Chica.

Chica! Tá aqui a massa e o leite do Botinho. Anunciou Rosa.

Contudo, ela não ouviu qualquer resposta vinda de Chica. Diante daquele silêncio, ela resolve procurar a colega pela casa, e encontra-a nos fundos, encolhida, com o filho no colo, a berrar para dentro de si própria:

Ele morreu Rosa, Botinho morreu. Foi ser anjo do Senhor. Morreu desprezado pelo pai, e com dor de fome.

Chica não parava de soluçar e repetir as mesmas palavras. Botinho foi velado naquela mesma noite. E mais uma vez Bomba não apareceu. A ele não interessava conhecer o filho, sequer no seu funeral. As pessoas lá presentes comentavam que o menino havia morrido porque o boto, seu pai, o queria dentro do rio, para ensiná-lo a conquistar as caboclas virgens nas noites de festas.

No dia seguinte, Rosa e Chica foram enterrar Botinho, aquela cavou o buraco, esta enterrou o filho, e com ele a sua dor.

Na volta para casa, Chica “enterrou-se” no quarto, agarrada ao lençol do menino. Já Rosa, remou para longe dali, levando consigo as muitas bonecas que os tripulantes dos navios jogavam para as crianças que se aproximavam daquela embarcação. Chegando em seu destino, Rosa começou a pendurar as bonecas pelos cabelos nos galhos das árvores, tal como se estivesse a ornamentar uma árvore de natal.

Feito isto, Rosa ficou encarando por horas aquela visão. E com aquele gesto, ela homenageou Botinho, e o manteve sempre vivo, na sua memória.

Ao entardecer, Rosa volta para casa. Chegando lá acende a lenha, esquenta o leite, faz um mingau, leva-o até o quarto onde está Chica, aproxima-se da cama, e diz:

Chica, toma esta massa, come! ela tá gostosa. Chica nada falou, ficou imóvel, deixou que o silêncio gritasse o gemido inexprimível da dor da perda do filho. Rosa chorou diante da cena, em seguida, pegou a caneca com a massa, e levou o alimento até a boca da amiga. Àquela foi uma noite marcante na vida de ambas. Naquele sereno, as horas demoraram a passar.

Na manhã próxima, Rosa levantou-se cedo, e estranhou a ausência de Chica na cama. Procurou-a pela casa, não a viu, procurou-a pela vizinhança, não a viu, procurou-a pelo *trapiche*, não a viu. Assim sendo, perguntou para Bena:

Tu viste a Chica?

Bena responde:

Ela pegou o barco da linha antes do dia branquejar, acho que foi para Macapá.

Rosa entristeceu-se com a notícia, chorou copiosamente a partida da amiga, da companheira, da quase mãe. Da Chica.

A partir daí, a Rosa cresce, e com ela cresce a dor. Dez anos se passaram desde aquele dia. Rosa, de longe é mulher, e de perto é rosa. A esta altura, Rosa resolveu voltar aquele braço inóspito do rio, para visitar as lembranças que deixara por lá. As bonecas que ela levou, já estavam com uma aparência muito feia, rosto sujo, olho faltando, corpo para um lado, cabeça para outro. Rosa *cisma* que alguém no decorrer daqueles anos, tenha passado por lá, e feito algumas modificações no modo como ela havia deixado o lugar. Logo na entrada daquele espaço, havia um pedaço de madeira com as seguintes palavras pintadas de vermelho: “Cemitério dos anjos”.

Ao ler tal informação, a suspeita de Rosa confirma-se. Ela sente um arrepio, como se Botinho estivesse ali, naquele lugar. Então, os pássaros começam a galhar, o barulho logo atinge um volume tal, que fica ensurdecador. Rosa decide sair dali, já no regresso, ela vê um navio se aproximar, e decide remar ao encontro dele. Dessa vez, não há caranguejos para vender. Como de hábito, ela amarra o seu casco na corda, já gasta pelo

tempo, e entra. Um homem se aproxima, ele a reconheceu pela foto tirada outrora. Chegando até ela, ele estende a mão que segura um objeto, e pergunta:

Lembra-se disso?

Rosa pega o objeto, olha-o com atenção. Reconhece-se, é ela na foto, suja barro, segurando alguns poucos caranguejos. A emoção embargou sua voz, seus olhos marejaram, ela estava maravilhada diante de si própria num pedaço de papel. O fotógrafo aproveita a cena, e registra mais um momento entre os dois, em seguida, ele segura firme em suas mãos já calejadas de tanto remar, olha em seus olhos, convida-a para tomar café. Ela aceita, e ambos vão sentar-se em frente ao restaurante.

Lá chegando, o homem diz chamar-se Jean Baptiste. Sua fala é meio estranha, ele fala cheio de “érres”, próprio do seu sotaque francês. Ele pergunta o nome da moça, e ela responde:

Rosa. O meu nome é Rosa.

Daí em diante, o diálogo deles é mudo. Até o término do café, e após o último gole da bebida, Jean pergunta para Rosa se ela gostaria de ver mais fotos, e ela sinaliza com a cabeça que sim, então, ambos se levantam, e Jean a conduz até o seu camarote. Chegando lá, ela senta-se a beira da cama, como que procurando um canto mais confortável para acomodar-se, já que estava desconcertada com a situação. Ele pega uma bolsa, e do seu interior retira algumas fotos.

Ao receber as imagens das mãos de Jean, Rosa começa a contemplá-las, uma, a uma, atentamente. Seus olhos se enchem de emoção, ela fica extasiada com tamanha beleza, havia paisagens decarnaval, natal, festa de aniversário, velório, e casamentos. Jean troca algumas palavras com ela a respeito das muitas fotos que visualizou, pergunta a ela se a mesma desejava ficar com alguma, e ela responde que sim, então, ele indaga:

Qual?

Ela responde:

A foto em que apareço.

Ele retruca:

Tome, é sua.

Ela abre um sorriso, e resolve retribuir-lhe a gentileza com um acanhado beijo no rosto. Para Jean, aquele gesto foi mais que um beijo no rosto, foi o sutil despertar de um sentimento adormecido. Ele então, toma-a em seus braços, e faz dela, mulher.

Rosa gostou do que tivera com Jean, mas sem demora, precisava regressar. Eles despediram-se. Rosa para um lado, Jean para outro.

Alguns dias se passaram, todavia, Rosa sonhava acordada com Jean. Rosa desejava tê-lo novamente tal como naquele dia. Ela então, num ato impensado, vai para a balsa, e lá chegando, encontra com um homem de camisa verde. Ele lhe pareceu familiar, e sem que ela tivesse tempo sequer para pensar, ele a tomou tal qual um bicho indomado. Puxou-lhe os cabelos, a imprensou entre os carros. Lá, a faz gemer de dor, e da mesma maneira que o ato começou, logo terminou. Ele então, enfia dez reais em seus vestido, e ela vai aos prantos para casa. Não era aquilo que Rosa buscava, aquele não era o Jean.

Algumas semanas depois, Rosa sente-se enjoada com o cheiro do café. Após o almoço, ela baldia o pirão de Jiju com bacaba, e sem demora, diante dos fatos, concluiu estar grávida. Os meses se passaram, e um menino nasceu. Seu nome? Jean.

Decorridas algumas semanas após o parto, Rosa decide ir à Macapá em busca de Chica. Lá chegando, com o menino no colo, Rosa detinha apenas uma referência de onde encontrá-la: Uma famosa casa amarela situada no bairro do Buritizal. Destemida, Rosa então pergunta a uma transeunte que se aproximava:

Como posso encontrar uma casa amarela onde trabalha a Chica? A casa fica próxima é famosa e fica no bairro do Buritizal.

A mulher responde:

Você tem que pegar o ônibus da linha Catani, e daqui duas esquinas, ele vai deixá-la bem na frente a tal casa amarela.

Rosa fez exatamente o que a pedestre havia lhe dito. Chegando lá, ela bateu palmas, e a seguir, uma senhora de meia idade veio atendê-la. Ela em alto e bom tom perguntou:

O que a senhora quer? Não temos roupas usadas para dar, nem comida.

Rosa deu um riso tacanho, e respondeu:

Procuro a Chica. Ela mora aqui?

A senhora de lá mesmo gritou:

Chica!

Chica logo apareceu, e reconhecendo a velha amiga, desatou a chorar, dizendo:

Rosa, minha Rosa. Me abraça! Vem! Entra! A casa é sua, sente!

Rosa sentou-se, e descobriu o bebê que estava em seus braços. Chica ficou surpresa, e logo se inclinou para olhá-lo, dizendo:

Esse menino é filho de gringo, tem os olhos verdes e os cabelos loiros. De ti, puxou apenas o olhar: esquelha.

Rosa logo fez um gesto afirmativo com a cabeça, confirmando o que a saudosa Chica havia declarado.

Como ele se chama? Perguntou ela.

Rosa respondeu:

Jean. É o nome do pai, Jean Baptiste.

Isso dito, as lágrimas correram no rosto de ambas. Elas se deram um forte abraço, então Chica disse:

Não se preocupe Rosa, enquanto tu e teu filho estiverem aqui comigo, não passarão fome. Eu agora sou viúva, casei-me com um homem de meia-idade que logo morreu de câncer, mas em pouco tempo de vida muito me ensinou. Colocou-me para estudar, deu-me seu sobrenome, arranjou-me trabalho, deixou-me a casa amarela, uma pequena pensão, sua velha mãe, e muitos ensinamentos.

Aceitando ao convite de Chica, Rosa viria a morar os três anos seguintes na casa amarela, com Chica e sua sogra. Lá, ela foi muito bem tratada, estudou, fez curso de fotografia, e técnico em enfermagem. Teve também a chance de ver Jean crescer saudável e bem alimentado, contudo, Rosa sentia um grande vazio em seu peito. Era o sotaque, era o beijo, era o toque, era o jeito, era Jean Baptiste.

Tomada pela saudade, Rosa pegou a foto de quando foi pela primeira vez vender caranguejo na balsa. Olhou-a como se pudesse voltar no tempo, sentiu muito a falta de Jean. Vendo o que se passava, Chica que conhecia muito bem a amiga, sugeriu a ela que fizesse uma viagem de navio até Belém. Aquilo poderia lhe fazer bem.

Rosa aceitou a sugestão. Ela então pegou seu filho nos braços, sentou-se na bicicleta, e foi comprar a tal passagem para ir à Belém.

Dalí algum tempo, o dia da viagem chega. Chica, de pronto, vai deixar Rosa de carro logo cedo no Porto Hidroviário de Santana, para que a mesma não perdesse a hora da partida do navio. Chegando lá, Rosa deslumbra-se com tamanha movimentação. Havia cachorro latindo, vendedores ambulantes gritando, crianças chorando, o brega tocando, o cheiro do peixe presente no ar, e de longe a inconfundível voz do Pirarara, berrando repetidamente:

Olha a farinha, o peixe fresquinho, e o limããããoooo!

Diante daquela cena, Chica percebeu que ela e Rosa, não eram as únicas que haviam migrado do interior de palafitas para a *Capital Morena*, e sem demoras, chegada a hora do embarque, Chica dá um beijo de despedida na fronte de Rosa, leva-a até o navio, e a observa se distanciando, até perdê-la de vista rio adentro, à bordo do Destino.

Rosa e seu filho chamam a atenção dentro da nau. O menino por ser muito bonito, e Rosa, por ser muito formosa, apesar de simples. Andando pelo navio, ela resolve conhecer as demais dependências daquela embarcação. Deslumbrou-se com as redes mil, em cada compartimento do navio empilhadas, como se fossem tapetes em exposição de loja, os restaurantes sempre cheios, os banheiros coletivos abastecidos das águas

barrentas do Rio Amazonas, a proa com as bandeiras do Brasil, do Amapá e do Pará, e por fim, a popa com uma enorme aparelhagem de som, que por sinal, estava alto e tocava techno melody.

Ainda na popa, Rosa contemplava o rio. Seus ribeirinhos, caboclos, manguezais, agora sob um novo ângulo: o de uma passageira. Ali ela perdeu a noção do tempo e apreciou a natureza até ao entardecer, em seguida, foi para seu camarote, já ansiando sonhar com o dia em que seu filho fora concebido.

Já na manhã seguinte, após uma noite de sono reparador, Rosa vai a popa do navio para tomar café. Ao chegar lá, ela esbarra em um homem. Com a trombada o indivíduo logo se vira, era Jean. Ela sorri, ele corresponde, e em seguida, lança o olhar sobre o garoto, o carrega no colo, e diz:

É meu filho! Sem sombra de dúvida, ele é meu filho. Que nome ele tem?

Rosa responde sobressaltada:

Jean Baptiste.

Isso dito, eles vão para a mesa, tomam café como se já se conhecessem de muito tempo, e agem como se fossem uma família há muito constituída. Terminando a refeição, eles vão para a proa do navio. Lá, Rosa avista de longe “O Cemitério dos Anjos”. Naquele momento, muitos tripulantes tiravam fotos do lugar, que chamava muita a atenção por causa da sua árvore de bonecas. Naquela ocasião, Rosa dá seu último adeus ao menino de Chica, pegando o lençol de Botinho que a amiga agarrara na ocasião em que o filho morreu, sem demora, ela o lança sobre o rio, e com ele a sua dor, seu sofrimento, e suas lembranças daquele dia.

Naquele instante, uma moça se aproxima de Rosa. Ela estava suja de lama. A cicatriz sobre a sua sobrancelha, passava a impressão de que ela era parcialmente escarpada, pois ainda havia um tufo de cabelo sobre o seu ombro direito. Sua cabeça era coberta por um pano com estampa floral. Estendendo as mãos em direção a Rosa, a moça a oferece caranguejos, e Rosa responde:

Tome esse dinheiro, e leve os seus caranguejos para alimentar a sua fome, e a fome de seus filhos. Seja feliz! E trazendo a menina para mais próximo da popa, elas cantam a canção das parteiras do Furo da Cidade:

Vejo através das águas

Realidades

Comumente vistas

São botos

É a velha matinta

Nas profundezas de cada um de nós
É o caboclo a pescar
Pra ter o que comer
É Maria a rezar pra ver neném nascer
É o cachorro do mato
Que irá nos proteger
É o povo a cantar ilê, aiê, aiê
Somos filhos desta terra
Terra fértil e brasileira
De mão calejadas ao sol
E barriga vazia na ceia.



SOBRE A AUTORA



CAMILA ROCHA

Camila de Nazaré Colares da Rocha nasceu em Belém do Pará e ainda criança mudou-se com a família para Macapá-AP, cidade que a acolhe até hoje. Graduada em Letras Bacharelado pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá (IESAP), em 2007, e em Letras Licenciatura pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), em 2013. Trabalha como professora de Língua Inglesa no Instituto Federal do Amapá (IFAP). Em seus escritos, Camila explora seu eu (des)-conhecido, assim como, as possíveis reflexões acerca de temas atemporais como a morte e a mente humana.